

Metodologia do Ensino Superior: subsídios para o ensino de Ciências Contábeis

*Márcia Mineiro de Oliveira*¹

Resumo: O artigo apresenta a ótica dos docentes de Contabilidade sobre a disciplina Metodologia do Ensino Superior (MES) presente em cursos de especialização. Busca-se caracterizar tal disciplina, levantando características dos profissionais de Contabilidade que lecionam. Discute-se ainda sobre didática, planejamento e avaliação educacional, relação ensino-aprendizagem e dificuldades do ensino superior. Metodologicamente, decorre de uma pesquisa teórico-empírica, delineada como exploratória, apoiada em *survey* e subsidiada pela pesquisa bibliográfica e eletrônica. Interdisciplinar, este trabalho alia conhecimentos da Ciência Contábil e da Pedagogia.

Palavras-chave: Pedagogia. Ciências Contábeis. Metodologia do Ensino Superior.

College Teaching Methodology: subsidies to teach Accounting Science

Abstract: The article presents the Accounting Professors' point of view about the discipline College Teaching Methodology (MTC) offered in specialization courses. It tries to characterize the discipline MTC, by surveying the characteristics of the Accounting professionals who teach. It's also mentioned

¹ Mestre em Contabilidade (Gestão Pública) pela Fundação Visconde de Cairu. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: periciaccontroladoria@yahoo.com.br

didactic, planning and educational evaluation, the relation teaching-learning and college teaching difficulties. Methodologically, it comes from a theoretic-empirical research, faced as exploratory, supported by survey, bibliographic and electronic research. Interdisciplinary, this paper puts together Accounting Science and Pedagogy knowledge.

Keywords: Pedagogy. Accounting. College Teaching Methodology.

Introdução

Os cursos superiores de Ciências Contábeis objetivam a formação de profissionais liberais, os chamados bacharéis. Não se percebe durante o curso superior a preparação para lecionar. Muitos contadores desejam dedicar-se ao ensino e ficam à procura de complementar sua formação recorrendo à disciplina Metodologia do Ensino Superior (MES) cursada na maior parte das vezes em cursos de especialização.

No município de Vitória da Conquista há dois cursos superiores de Ciências Contábeis em entidades diferentes e o quadro docente é formado em sua maioria por especialistas e mestres.

A pesquisa partiu de observações assistemáticas prévias, estas suscitaram duas considerações preliminares: (1) Os melhores profissionais liberais de Contabilidade nem sempre são os melhores professores, em termos de didática na visão dos discentes; (2) Mesmo os profissionais liberais de Contabilidade que cursam a disciplina Metodologia do Ensino Superior em algum curso de especialização, não se consideram preparados para lecionar por não superarem suas limitações didáticas.

Esclarece-se que este artigo é fruto de monografia de título análogo que possuiu como elementos basilares:

- *Questão Problema:* na visão dos docentes de Contabilidade a disciplina Metodologia do Ensino Superior oferecida em cursos de especialização (*lato sensu* e/ou *stricto sensu*), prepara verdadeiramente o profissional para lecionar em cursos superiores?

- *Hipótese de Pesquisa*: na visão dos docentes de Contabilidade a disciplina Metodologia do Ensino Superior oferecida em cursos de especialização (*lato sensu* e/ou *stricto sensu*) não prepara verdadeiramente o profissional para lecionar em cursos superiores.
- *Objetivo Geral*: apresentar a ótica dos docentes de Contabilidade sobre a disciplina Metodologia do Ensino Superior oferecida em cursos de especialização (*lato sensu* e/ou *stricto sensu*).

Objetivos Específicos:

- Caracterizar a disciplina Metodologia do Ensino Superior;
- Levantar as características dos profissionais de Contabilidade que lecionam em Vitória da Conquista;
- Diagnosticar as possíveis dificuldades dos profissionais de Contabilidade ao lecionar.

Entende-se que ao procurar, mesmo que indiretamente, a melhoria da prática docente no curso de Ciências Contábeis, este trabalho garantirá sua importância, visto que se propôs a investigar a disciplina Metodologia do Ensino Superior sob a ótica dos professores de Contabilidade que a cursaram em nível de especialização. Tal melhoria embasaria um salto na qualidade do ensino Contábil e na formação dos futuros Contadores, profissionais essenciais à sociedade atual.

A importância teórico-prática do trabalho se reflete na busca do alicerce pedagógico sobre o planejamento, a avaliação, o ensino-aprendizagem e o papel do professor de nível superior aplicada à realidade encontrada nos cursos de Vitória da Conquista.

Na área contábil, poucos são os livros e periódicos que lidam diretamente com a questão da metodologia do ensino. Esta comunicação de pesquisa, então, contribui para ampliar o leque de conhecimentos sobre a área, trazendo maior informação à classe contábil que pouco conhece sobre pedagogia, bem como proporciona aos pedagogos as especificidades dos cursos de bacharelado, em especial o curso de Ciência Contábil em nível docente superior.

Subsídios teóricos

Uma ampla e rebuscada revisão teórica não contempla a objetividade desta comunicação científica, todavia sabe-se a necessidade de explicitar, ainda que de forma sucinta, quais os princípios que norteiam a pesquisa. Assim, parte-se para breve exposição teórica sobre alguns pontos relevantes mostrados no trabalho monográfico do qual este artigo é oriundo.

A disciplina Metodologia do Ensino Superior (MES)

Concorda-se com Nérici (1967, p. 13) quando este diz que a educação superior tem por finalidade formar os responsáveis maiores pelo planejamento, organização e execução de todas as atividades sociais. Ao passo que se aduz que o responsável pelo planejamento da relação ensino-aprendizagem, seja qual for a área do conhecimento, é o professor, assim entende-se que é imprescindível que este conheça as especificidades do “ensinar”.

Tais aspectos específicos são tratados pela disciplina “Metodologia do Ensino Superior”, presente em cursos de especialização de nível *lato* e/ou *stricto sensu*. Durante o curso de bacharelado em Ciências Contábeis no Brasil é raro encontrar uma matéria que aborde a questão do ensino da Contabilidade. Isto acontece pela feição do curso: Trata-se de um bacharelado e não uma licenciatura. Decorre então que os egressos são formados visando o preparo de sua habilitação como profissional liberal e não como professor.

Todavia, de acordo com a vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), para lecionar no nível superior são exigidos do profissional cursos de pós-graduação – preferencialmente *stricto sensu* – na área do conhecimento em que se vai atuar.

“Metodologia do Ensino Superior” é a designação mais comum que recebe a disciplina, a qual aborda a prática da docência em nível superior, sob aspectos didáticos, metodológicos, planejamento e avaliação da aprendizagem, atrelando teoria à prática.

É patente que o ensino deve partir de uma série de objetivos para então destacar conteúdos. Não é simples selecionar e organizar os conteúdos de uma disciplina, especialmente por dois motivos: (1) Há sempre muitas questões a serem estudadas em pouco tempo; (2) A escolha implica em uma postura crítica e política sobre a forma de ser e fazer educação, necessitando, pois, de critérios claros para a escolha dos conteúdos.

São frequentemente selecionados pelos professores de MES os seguintes conteúdos:

- Abordagens pedagógicas do ensino;
- Relação ensino x aprendizagem;
- Planejamento educacional; e
- Avaliação.

A relação ensino-aprendizagem

O ensino é abordado por vários autores na tentativa de conceituação e entendimento do termo. É perceptível que o ensino na qualidade de processo social, decorrente da interação de várias pessoas e fatores, não pode ser controlado como uma experiência de laboratório.

Para Gagné (apud MOREIRA, 1985, p. 14) o ensino é “uma atividade de planejamento e execução de eventos externos, ou condições externas à aprendizagem com finalidade de influenciar os processos internos para atingir [...] capacidades a serem aprendidas”.

Na visão piagetiana, o ensinar provoca o desequilíbrio na mente do aprendiz, fazendo com que ele procure o reequilíbrio e ao reestruturar-se cognitivamente acaba por aprender.

A aprendizagem, por sua vez, é um processo pessoal e gradativo, não hereditário, que depende do envolvimento de cada um, de seu esforço e de sua capacidade. Ela é um processo acumulativo, em que cada nova obtenção se junta ao repertório já conseguido.

Nas palavras de Gil (1997, p. 58), a aprendizagem ocorre “quando uma pessoa manifesta aumento da capacidade para determinados desempenhos em decorrência de experiências que passou”.

O mesmo autor (p. 58) aduz ainda que no que tange à educação, o conceito de aprendizagem se torna mais específico referindo-se à “aquisição de conhecimentos ou ao desenvolvimento de habilidades e atitudes em decorrência de experiências educativas, tais como aulas, leituras, pesquisas, etc.”.

Na prática, o aprender e o ensinar são verbos que comumente aparecem juntos, mas não quer dizer que eles sejam sinônimos ou mesmo que devam ser conjugados juntos. A relação existente entre eles pressupõe ‘complementaridade’, mas não implica dizer que se um acontece o outro fatalmente também ocorre.

É comum que aconteça aprendizagem sem o ensino e também ensino sem aprendizagem, em outras palavras: não é porque você ensinou que necessariamente seu aluno aprendeu. O ensinar modernamente é entendido como “orientar a atividade do aluno num sentido valioso para a vida” (GONÇALVES, 1985, p. 67) e o “aprendizado é mais poderosamente reforçado quando um professor *estimula* os estudantes a se preocupar com sua matéria e a se dedicar muito para dominá-la” (LOWMAN, 2004, p. 22, grifo nosso). Tais estímulos estão ligados com a motivação para o aprendizado e para o ensino.

Entende-se então, que ensinar e aprender são ações complementárias e o olhar do professor a cada uma delas deve ser diferenciado, abrangente e não dicotomizado.

Planejamento

As metas na relação ensino-aprendizagem demandam mais ou menos tempo para ser atingidas. Seja qual for a duração da meta, exige-se para sua consecução uma série de ações. Detalhá-las articuladamente é o papel dos planejamentos educacionais, para que a prática educativa seja reflexiva, intencional e libertadora.

Vasquez (apud VASCONCELLOS, 2000, p. 79) confirma esta idéia ao dizer que “vários atos desarticulados ou justapostos casualmente não permitem que se fale de atividade (de planejamento); é preciso que os atos singulares se articulem ou estruturem, como elementos de um todo, ou de um processo total que culmina na modificação de uma realidade”.

Numa perspectiva micro, sem maiores aprofundamentos sobre os tipos de planejamento de ensino, cabe destacar a diferença que há entre planejamento e plano, visto que aquele é o processo contínuo, reflexivo de escolher caminhos, agir em prol deles e acompanhar a ação; já este é algo pontual, na realidade é um produto da reflexão e do processo maior, que se caracteriza como um registro passageiro. “O planejamento, enquanto processo, é permanente. O plano, enquanto produto é provisório” (VASCONCELLOS, 2000, p. 80).

Na visão Contábil de orçamentos, o planejar pode ser entendido como: estabelecer missão, objetivo, estudar, selecionar os caminhos alternativos, implantar estrutura e implementar os planos e idéias escolhidas. Esta ótica não se distancia da visão pedagógica, visto que o planejar pedagógico também estabelece objetivos, seleciona conteúdos e caminhos (métodos) alternativos para atingir os objetivos da melhor maneira possível (eficiência), implementa os planos na aula.

O orçamento empresarial é um plano que em muito se assemelha aos planos pedagógicos. Em suma, aquele dispõe da melhor forma, ou seja, dos recursos disponíveis para atingir os objetivos traçados, e isso é o que se pretende com os mais variados planos pedagógicos. De forma sintética, alguns dos planos principais que norteiam a prática dos docentes no ensino superior são:

- *Plano de Escola/ Projeto Político-Pedagógico* – É o plano pedagógico e administrativo da instituição, no qual se explicita a concepção pedagógica do corpo docente, as bases teórico-metodológicas da organização didática, a contextualização social, econômica, política e cultural da instituição, a caracterização dos sujeitos envolvidos, os objetivos educacionais gerais, a estrutura curricular, diretrizes metodológicas

gerais, o sistema de avaliação do plano, a estrutura organizacional e administrativa;

- *Plano de disciplina* – Este plano delinea o ensino de forma macro, expondo em linhas gerais os objetivos de determinada disciplina ao longo de um tempo pré-determinado, em geral, no ensino superior, um semestre;

- *Plano de unidade* – Um plano que traz a identificação da unidade e seu detalhamento em termos de carga horária, objetivos (gerais e específicos), conteúdo, procedimentos e estratégias metodológicas, recursos necessários, a forma de avaliação e as referências que embasam e garantem um aprofundamento de conhecimentos;

- *Plano de aula* – Tal plano se restringe a “prever o desenvolvimento a ser dado à matéria e às atividades docentes e discentes que lhe correspondem, dentro do âmbito particularizado de cada aula” (MATTOS, 1971, p. 163).

Com a linguagem contábil os planos e sua integração poderiam ser assim comparados:

Comparação entre planejamentos:

- A articulação entre eles é imprescindível:

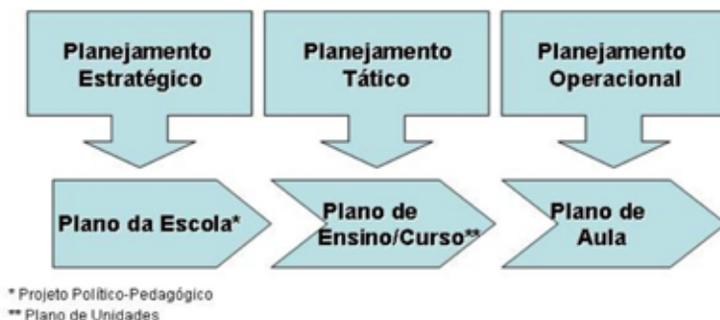


Figura 1 – Comparação entre planejamentos.

Fonte: Elaboração própria.

Avaliação

O conhecimento Contábil, especificamente os estudos de Controladoria, contribui com o conceito de controle, este costumeiramente vem atrelado ao conceito de planejamento e se relacionam pelo caráter de interdependência concomitante que mantém.

Para Nakagawa (1993) o controle consiste em 4 pontos básicos:

- Conhecer a realidade;
- Compará-la com o que “deveria ser”;
- Tomar conhecimento rápido das divergências e suas origens; e
- Tomar atitudes para sua correção

A pedagogia, por sua vez, refletida nos estudos de Melchior (1999), também contempla esses pontos básicos, sob a denominação de avaliação, uma vez que parte-se de conhecer o aluno, a matéria, a instituição (todo o contexto educacional) para planejar e de forma paralela, a avaliação para ser completa também leva em consideração esses aspectos.

Como o ponto de partida educacional é o objetivo (assim como o empresarial), é preciso comparar se este foi atingido ou não, e isso norteia o restante das ações do professor (o “tomador de decisões” no processo educacional); em se atingindo o objetivo deve-se manter o curso dos trabalhos, e em caso contrário, devem ser tomadas atitudes corretivas de ajustar o processo para o atendimento das metas propostas, retomando o que foi ensinado (mas não aprendido) de forma diferenciada, visto que os métodos antes aplicados não foram eficientes, tão pouco eficazes.

Há ainda a questão temporal, é preciso ajustar o processo de ensino antes que seja tarde, assim como o controle empresarial, precisa ser concomitante, evitando prejuízo empresarial irreversível.

Professores preocupados com uma prática avaliativa que garanta a aprendizagem buscam respostas para cinco questões que determinam a concepção sobre avaliação. São elas: O que é avaliar? Por que avaliar? A quem avaliar? O que avaliar? Quando avaliar?

Na busca por respostas que cada vez mais promovam uma prática avaliativa integral, intencional e inclusiva, propõe-se esboçar sua caracterização.

Há uma concentração de esforços e preocupações na área de avaliação como se isso fosse o elemento essencial do ensino. O paradigma da nota está instalado e enraizado com a prova de efetivo aprendizado, não há a difusão da idéia de que não é preciso provar nada para ninguém, mas sim que é preciso mediar um acompanhamento da aprendizagem, controlando-a e monitorando-a na busca pela consecução de objetivos.

Didática

A Didática é um dos ramos da Pedagogia, e se configura como a disciplina que estuda os objetivos, os conteúdos, os meios e as condições do processo de ensino visando a Educação. Ela lida diretamente com a operacionalização da ação educativa na sala de aula e em seus outros ambientes e atividades, portanto, não está dissociada das outras matérias que lhe servem de base.

Cabe a ressalva que a Didática não estabelece uma “melhor técnica de ensino”, pois a cada caso há uma técnica mais exequível e aconselhável, portanto é necessária a compreensão da situação real sobre a qual o professor vai atuar.

Concluindo sobre Didática entende-se que esta não se limita a estabelecer as técnicas específicas de orientação e direção da aprendizagem (planejamento, motivação, orientação, fixação, verificação, etc.), mas também os critérios e as normas práticas que regulam a ação docente de forma racional; em suma, é muito mais abrangente que a metodologia.

Dificuldades do Ensino Superior

O valor do professor é alardeado e pouco reconhecido na função que exerce. Dele é exigida a qualidade em seu trabalho e, para tanto, o docente deve ser consciente de seu trabalho e de suas atividades.

No entender de Gonçalves (1985, p. 27), a formação profissional do professor perpassa eminentemente pela pedagogia, pois é através dela que o docente pode “orientar a aprendizagem do aluno, desenvolver sua personalidade integralmente [...] ao meio social.” Aduz ainda que a qualidade do ensino é responsável direta pelo grau de civilização de um povo e que o professor é o sujeito “vitalizador do ensino, de quem depende a eficiência do mesmo.”

As dificuldades na educação são muitas e costumam ser exógenas (aquelas externas que dependem do sistema) e endógenas (aquelas mais próximas da realidade do professor cuja intervenção pode alterar e superar). No nível superior de ensino não é diferente, por exemplo, no tocante à experiência no ensino superior de Ciências Contábeis apontam-se, entre outras dificuldades:

- o aspecto temporal, visto que os cursos de Contábeis são noturnos na sua maioria e os alunos trabalham em tempo integral, ou seja, a dedicação, o compromisso com os estudos e a aprendizagem por parte destes costuma ser comprometida. É desnecessário comentar que o aluno trabalhador tem menos disposição para estudar, em muitos casos ele tem compromisso e responsabilidade, mas é vencido pelo cansaço que arrebatava a tentativa exausta em aprender, focalizando sua atenção e energias para a evolução da aula. Tal realidade é imposta também ao professor que tendo trabalho extra-docente não pode preparar sua aula devidamente por falta de tempo, e à noite já não tem mais energias para ministrar uma aula de qualidade; o mesmo sucede ao professor em tempo integral que é obrigado a possuir muitas turmas para garantir sua dignidade econômica;

- muitos docentes desconhecem a intencionalidade da avaliação e sua relação prioritária com o aprendizado e a mudança da realidade. Por terem vivenciado durante toda a vida a práxis avaliativa repressiva, tradicional, preocupada com a nota, a sua tendência é repeti-la com seus discentes. No máximo, alguns conhecimentos pedagógicos poucos sólidos adotam práticas pseudo-superadoras, alterando nomenclaturas,

instrumentos avaliativos, que não mudam a postura e nem a concepção educativa;

- número de alunos por sala: com a mercantilização da educação, sobretudo nas faculdades particulares, o número de alunos por sala tende a aumentar para garantir a lucratividade dos investidores, sem a preocupação com a pessoalidade e a interação necessária para a aprendizagem, que acaba por ser comprometida por conversas, indisciplinas e uma pseudo-aprendizagem, é a lógica do “você finge que ensina e eu finjo que aprendo”, o que não é difícil de acontecer despercebidamente pelo professor em meio a turmas numerosas;

- desmotivação: em meio a facilidades eletrônicas e a uma carga excessiva de trabalho, poucas atitudes e atividades despertam o interesse dos discentes;

- resistência a mudanças: muitos discentes e docentes acostumados e acomodados com práticas de ensino-aprendizagem passivas e alienantes não aceitam mudanças renovadoras e impõem muitos empecilhos para a mudança das atitudes em sala de aula;

- Desconhecimento didático-pedagógico: muitos professores pensam que somente conhecer bem a matéria técnica lhe garante a aprendizagem dos alunos, creem que ensinam muito bem, não se colocam no lugar do discente e rejeitam cursos na área pedagógica, por acreditarem que estes não influem numa boa relação de ensino-aprendizagem, que tudo é culpa do aluno que não estuda. É muito fácil culpar outros por algo que possui parcelas igualitárias de responsabilidade. “É necessário ser ousado para ser educador” (MELCHIOR, 1999, p. 140);

- Horários mal construídos;
- Falta de interdisciplinaridade;
- Falta de recursos;
- Projeto político-pedagógico que não reflete a postura do grupo; além de
- Falta de incentivo à pesquisa.

Metodologia

Tratou-se de uma pesquisa teórico-empírica, pois a mesma oscilou entre os escritos e conhecimentos já produzidos sobre a temática e estabeleceu uma vinculação com a realidade e o diálogo entre a Ciência Contábil e a Pedagogia.

A natureza do trabalho é qualitativa, já que as áreas de conhecimento macro e as necessidades da pesquisa exigem um tratamento social, entretanto, para a análise dos dados, não se deixou de lado a análise quantitativa apoiada em estatística simples, descritiva e inferencial.

Pela busca de conhecer mais sobre as prévias observações, o trabalho ora apresentado delinea-se como exploratório, apoiado em levantamento que se caracteriza pela “interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer” (GIL, 2002, p. 50). É subsidiado ainda pela pesquisa bibliográfica e eletrônica, ou seja, pelo conhecimento já produzido por outros pesquisadores e estudiosos no sentido de estabelecer um vínculo entre a teoria e a prática, esteja este conhecimento em livros e periódicos científicos ou à disposição na internet.

Os instrumentos de coleta usados para conferir execução à pesquisa foram o questionário e observação assistemática.

Este trabalho foi desenvolvido nos períodos compreendidos entre o mês de setembro de 2005 a janeiro de 2006. Com as informações gerais adquiridas, foram formuladas análises e conclusões. Os dados foram coletados por meio de um questionário, a população constituiu-se dos docentes do Curso de Ciências Contábeis que são bacharéis em Contabilidade e lecionam na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e/ou na Instituição de Ensino Superior particular da cidade que mantém o curso. Os dados foram apresentados através de tratamento estatístico simples com o auxílio de tabelas, gráficos e quadros. Os mesmos foram também textualmente apresentados, analisados e comentados.

Foram entregues 19 questionários, dos quais, foram respondidos e retornados 16, tendo esta pesquisa uma representatividade de 84% dos questionários.

Análise de dados

De início algumas das perguntas do questionário tinham como intenção conhecer o perfil dos professores de Ciências Contábeis de Vitória da Conquista. Depreendeu-se que 100% são contadores e lecionam no Ensino Superior, destes, 94% possuem especialização *lato sensu*.

Sete possuem especialização em controladoria, destes, 2 com mais de uma especialização (Finanças, Perícia Contábil e Língua Inglesa); 4 possuem especialização em auditoria, havendo ainda um professor(a) com especialização em Contabilidade, outro em Gestão e Direito Tributário e outro em Orçamento Público. Dois professores, não fizeram especialização *lato sensu*, partindo diretamente para o mestrado, todavia eles também fizeram a disciplina MES. Somente um professor afirmou não ter cursado a disciplina MES por não ter concluído curso de especialização *stricto sensu* ainda.

Percebe-se uma busca por qualificação na área contábil e pouco diálogo com outras áreas do conhecimento, visto que poucos foram os profissionais que buscaram especializações fora do âmbito contábil. Tais profissionais se dizem pessoas “não resistentes a mudanças” e inovações, todavia é muito difícil intercambiar disciplinas no curso de Contábeis, conforme observação assistemática.

Dos pesquisados, 94% relataram conhecerem suas próprias limitações, estas foram descritas como problema de tempo, problemas didático-pedagógicos e problemas visuais e de uso dos recursos audiovisuais.

Para 56% dos pesquisados, a docência não é sua atividade exclusiva, isso reflete, no mínimo duas coisas: (1) a docência no âmbito contábil é uma atividade secundária, e (2) para sobreviver como docente

é preciso extrapolar a carga horária de trabalho, pois a profissão não é valorizada nem social e nem economicamente.

Dos questionados, 2 não cursaram a disciplina MES, apesar de terem feito especialização. Tal fato se deve pela distinção que costuma ser dada entre as especializações com finalidades profissionais e aquelas com finalidades acadêmicas. Nesse caso, os professores fizeram especialização que oferecia a disciplina MES à parte, e por na época não pensarem em lecionar, não a cursaram, de acordo com conversa informal. Como já foi mencionado, há também o caso de um professor que não concluiu sua especialização *lato sensu* e por isso ainda não cursou a disciplina MES. Ou seja, dos 94% de professores que possuem especialização, 81% deles cursaram a disciplina MES.

Tal disciplina, na opinião de 50% dos questionados foi muito genérica, não aprofundando questões didático-pedagógico e muito menos “ensinando” a lidar com a realidade da sala de aula de Contábeis, como afirmou um dos professores em conversa informal. Em somente 31% dos casos a disciplina MES teve o enfoque que deveria, aplicando-se realmente para o ensino da Contabilidade.

Muito da satisfação e da profundidade dos assuntos abordados na disciplina MES depende bastante de sua carga horária. Percebeu-se uma disparidade e uma dispersão muito grande entre a duração horária desta disciplina nos vários cursos de especialização. Para se ter idéia, 25% dos professores responderam que a disciplina teve 60 horas de duração, em contrapartida, há 24% que cursaram MES com 30 horas, a metade da carga horária do outro percentual mais relevante. É importante uma padronização quanto a esse dado, pois aí podem residir alguns dos despreparos apontados na pesquisa, visto que 68% dos questionados responderam que o tempo para a disciplina foi insuficiente dada sua importância, sendo somente 2 os professores que concordaram sobre o tempo destinado ter sido suficiente.

Aliás, sobre importância, 81% dos professores reiteraram a essencialidade da disciplina como basilar para quem pensa em se tornar docente em Ciências Contábeis, 13% alegou que MES é uma disciplina

importante, ou seja, o somatório dos docentes que creem na importância da MES fez-se um total de 94% dos docentes.

Questionou-se sobre quais os conteúdos foram abordados, independentemente da forma de apresentação. Em tal quesito foi dada a liberdade de marcar mais de um item. As quatro respostas mais assinaladas foram: recursos didáticos (13 marcações), Avaliação e Planejamento de Ensino e Didática (ambas com 11 marcações).

Dos pesquisados, 81% reportaram melhoras significativas na sua prática docente após terem cursado a disciplina MES, prova que ela é mesmo meio de mudança e melhoria na qualidade do ensino e na formação de profissionais que dependem do ensino para construir seus conhecimentos.

Os dois maiores problemas apontados pelos docentes são: a falta de recursos didáticos na instituição, que garantem suporte para aulas mais dinâmicas e motivadoras, bem como uma sobrecarga de trabalho.

Percebeu-se pela análise e conversas informais com os docentes que o plano de disciplina é o único tipo de planejamento elaborado pela maior parte dos professores (63% deles de acordo com o questionário), já 13% dos questionados alegaram fazer um plano de aula antes de cada aula e segui-lo. Há que se destacar a sinceridade de um professor que afirmou preparar um plano de disciplina por semestre e não cumpri-lo.

Ao responderem sobre a hipótese de um profissional de contabilidade lecionar a disciplina MES nos cursos de especialização, qual seria a opinião dos docentes, isso favoreceria aos intuídos da disciplina ou não contribuiria? E sobre isso 63% (10) dos questionados responderam que creem importante que a disciplina MES seja ministrada por profissional de Contabilidade em cursos de especialização lato sensu em público voltado para a área contábil.

Considerações finais

Verifica-se a atuação de profissionais liberais – contadores – lecionando em cursos de Ciências Contábeis, muitos deles desejam

dedicar-se ao ensino e ficam à procura de subsídios pedagógicos mais especificamente através da disciplina Metodologia do Ensino Superior (MES) cursada na maior parte das vezes em cursos de especialização *lato sensu* (e até mesmo *stricto sensu*).

Cabe a ressalva que a disciplina MES não é a solução de todos os problemas educacionais em nível superior, visto que: (1) mesmo cursando a disciplina alguns professores ainda se sentem despreparados pedagógico-didaticamente para exercerem a docência visto que são bacharéis e não licenciados e/ou porque a disciplina foi muito curta para sentirem-se preparados; (2) e muitos são os problemas exógenos que os docentes precisam lidar continuamente para garantirem aulas e ensino de qualidade.

Propõe-se que a carga horária da disciplina seja ampliada e padronizada e que, seja ministrada por profissional contábil com formação pedagógica. Como reflete a pesquisa, visto que 63% (10) dos questionados responderam que creem importante que a disciplina MES seja ministrada por profissional de Contabilidade em cursos de especialização *lato sensu* ao público da área contábil e justificaram dizendo que eles dispõem de conhecimento sobre as matérias contábeis e pedagógicas estando cientes das dificuldades de assimilação do conteúdo.

Para esta pesquisa partiu-se da hipótese de que na visão dos docentes de Contabilidade a disciplina Metodologia do Ensino Superior oferecida em cursos de especialização *lato sensu* não prepara verdadeiramente o profissional para lecionar em cursos superiores. Tal hipótese foi corroborada pela pesquisa, visto que tal disciplina cursada, na opinião de 50% dos questionados foi muito genérica, não aprofundando questões didático-pedagógico e muito menos “ensinando” a lidar com a realidade da sala de aula de Contábeis como afirmou um dos professores em conversa informal.

Percebeu-se que 100% são contadores e destes, 94% possuem especialização, estas em sua maioria são relacionadas à área contábil. Os profissionais pesquisados afirmam não serem resistentes a mudanças e

inovações, embora seja muito difícil intercambiar disciplinas no colegiado de Contábeis, conforme observação assistemática da pesquisadora. Eles dizem conhecerem suas próprias limitações (94% deles). E 56% não possuem a docência como atividade única, as cargas horárias de trabalho são muito grandes. As dificuldades dos profissionais de Contabilidade foram apontadas pelos docentes como: despreparo didático-pedagógico, mesmo ao cursar MES, falta de recursos didáticos na instituição, que garantem suporte para aulas mais dinâmicas e motivadoras, e sobrecarga de trabalho.

A importância deste trabalho se apóia em procurar, mesmo que indiretamente, a melhoria da prática docente no curso de Ciências Contábeis, uma vez que se propõe a investigar a disciplina Metodologia do Ensino Superior sob a ótica dos professores de Contabilidade que a cursaram em nível de especialização. Tal melhoria embasaria um salto na qualidade do ensino Contábil e na formação dos futuros Contadores, profissionais essenciais à sociedade atual.

Referências

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Metodologia do ensino superior**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

GONÇALVES, R. **Didática geral**: enriquecida de novos assuntos atualizada e refundida. 16. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1985. v. 1.

LOWMAN, J. **Dominando as técnicas de ensino**. São Paulo: Atlas, 2004.

MATTOS, L. A. de. **Sumário de didática geral**. 10. ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1971.

MELCHIOR, M. C. **Avaliação pedagógica**: função e necessidade. 2. ed. Mercado Aberto: Porto Alegre, 1999.

MOREIRA, M. A. **Ensino na universidade:** sugestões para o professor. Porto Alegre, 1985.

NAKAGAWA, M. **Introdução à controladoria.** São Paulo: Atlas, 1993.

NÉRICI, I. G. **Metodologia do ensino superior.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Planejamento:** projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. 8. ed. São Paulo: Libertad, 2000. v. 1.

_____. **Avaliação da aprendizagem:** práticas de mudança. Por uma práxis transformadora. 4. ed. São Paulo: Libertad, 1998. v. 6.

_____. **Avaliação:** superação da lógica classificatória e excludente. Do é proibido reprovar ao é preciso garantir a aprendizagem. 4. ed. São Paulo: Libertad, 1998. v. 5.

Recebido em: agosto de 2008

Aprovado em: abril de 2009